

EURÍCLEDES FORMIGA - Intelectual de Q.I. invejável

Caio Porfírio Carneiro

Se falei da memória extraordinária de Luís da Câmara Cascudo vale dizer que ele, se ganhou longe em cultura geral de Eurícles Formiga, deste perdía, longe também, na capacidade de memorizar, sem falhas, o que lia e ouvia, instantaneamente, fosse um soneto ou um poema, fosse um discurso escrito ou oral, fosse o que fosse. Formiga era de captação imediata, visual e auditiva, e isto o levou frequentemente a dar *shows* públicos. Mas nada guardava, num “computador” cerebral, como Cascudo. Com os dias, tudo ia com o vento. Bom poeta, na linha parnasiana, como no seu livro *Canto do Semeador*, para só citar este, trazia ainda nas suas composições aquelas belas imagens dos bons românticos. Não se inovou muito no gênero, porque não era de estudar muito. Era uma inteligência viva, lúcida, mas um tanto dispersiva.

Esse paraibano extraordinário de São João do Rio do Peixe, onde nasceu em 1924, foi registrado com o nome de José Eurícles Ferreira, mas mudou-o para Eurícles *Formiga*, sobrenome de sua mãe. Conheci-o como diretor do cartório da Justiça Federal, em São Paulo, e com ele fiz grande amizade. Com suas piadas, repentes e rimas rápidas, encantava não apenas os seus amigos em rodas de bar, mas os frequentadores do bar inteiro. Os malabarismos de memória eram incríveis e quase inacreditáveis. Ele sozinho era um espetáculo. Luís da Câmara Cascudo disse-me que o pai do Formiga era bem mais dotado do que o filho. Se era, não vejo como. O diabo do Formiga, excelente jornalista, foi não ter se dedicado (apesar dos altos cargos que exerceu, inclusive na Universidade de Brasília) a um estudo mais profundo e sistematizado.

Além das noitadas que fizemos juntos, atrás das mariposas no Parque do Ibirapuera, aqui em São Paulo, o que eu teria de contar do Formiga daria um livro.

Forte, estatura mediana, corado, alvo, alourado, olhos esverdeados, voz firme e um tanto rouca, era um tipo irrequieto, vivaz, incapaz de manter uma conversa por dez minutos sem soltar meia dúzia de “repentes”, nascidos da sua inteligência privilegiada, e que levava todos à perplexidade, por mais vivência que tivessem com ele. Nunca vi coisa tão extraordinária. Mandava, em qualquer momento que se lhe pedisse, que alguém cobrisse um soneto com a

divulgação



Eurícles Formiga

mão e que não fosse do seu conhecimento. Pedía, então, cronometradamente, um minuto para lê-lo. Concentrava-se na leitura, em total silêncio. Depois dizia:

- Pronto. Já sei.

Declamava o soneto compassadamente, sem cometer uma única falha; a seguir dizia os versos de baixo para cima, para, finalmente, arrematar, dizendo a primeira e a última palavra do soneto, continuar na sequência de cima para baixo e de baixo para cima, até o encontro das duas palavras no meio dos catorze versos. E se havia uma sobrando, devido à contagem métrica, ele esnobava:

- Ficou uma palavra sobrando. Levem para vocês. – E a citava.

Enfrentou os melhores cantadores de cordel. Aos desafiantes que assisti, derrotou-os todos, porque o seu vocabulário – claro – era bem mais rico. Rimava qualquer palavra, imediatamente, por mais extravagante que fosse. Mas não apenas a pura rima: fazia um malabarismo de rimas e ainda gozava em cima da própria palavra a ser rimada. Incrível.

Transmitia – nunca vi coisa tão risível na vida – toda uma missa, feito locutor esportivo. Tinha-se a impressão perfeita, apesar das situações completamente diversas e do próprio andamento lento de uma missa, que se estava assistindo a uma partida de futebol. Casava perfeitamente o cenário de uma disputa ferrenha dentro da área para se meter um gol com o ato sagrado da co-

munhão do padre celebrante. E na hora em que a bola entraria no gol, fazia a exata substituição:

- Comungou!

Eurícles Formiga era uma parada federal. Ele tinha a transmissão da “missa” gravada em fita. Prometeu-me uma cópia inúmeras vezes, mas nunca me deu.

No auditório do Jornal *A Gazeta*, durante uma homenagem ao então governador Jânio Quadros, promoveu um verdadeiro escândalo, felizmente logo desfeito. O governador foi saudado pelo poeta Almeida Júnior, que redigira o discurso horas antes da homenagem e não o mostrara a ninguém.

Formiga estava presente. Enquanto Almeida Júnior lia o seu discurso, Formiga ouvia-o com

toda a atenção. Após os aplausos, levantou-se e pediu a palavra:

- Senhor governador, desculpe o que tenho a dizer. É até constrangedor. Mas esse discurso do grande poeta Almeida Júnior é de minha autoria. Não sei como ele conseguiu cópia, pois nem cópia tirei.

E, para espanto geral, repetiu, palavra por palavra, todo o discurso, diante de um silêncio tumular. Quase mata o velho Almeida Júnior do coração. Então acrescentou, calmamente:

- Desculpe poeta. Apenas decorei todo o seu discurso enquanto lia.

A perplexidade transformou-se em aplausos gerais, inclusive do governador, que, depois, conversando com o Formiga, informou que já sabia da sua fama, mas não pensou que sua capacidade de retenção chegasse a tanto.

Esse poeta querido, espírita convicto, repentista, declamador, gênio de ginásticas de memória, deixou-nos, e deixou-me em particular, grande vazio quando se foi, ainda moço, na casa dos cinquenta, vítima de doença insidiosa. As reuniões alegres, os almoços e noites de cervejada no bar da União Brasileira de Escritores, ficaram mais tristes.

De tudo, restou-me a lembrança saudosa dos nossos passeios, no seu fusca, à noite.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Nova Era - 26 Anos de História

Rosani Abou Adal

Linguagem Viva completa 26 anos de circulação ininterrupta e de parceria com *A Tribuna Piracicabana*.

É o primeiro ano do novo um quarto de século rumo aos 50 anos. Oxalá estejamos todos vivos até lá.

A ideia de fazer o jornal surgiu com o objetivo de democratizar a leitura e divulgar o escritor e a Literatura brasileira.

Eu e Adriano Nogueira (1928 - 2004) editamos juntos o jornal até a edição nº 178, junho de 2004, que circulou poucos dias antes do seu falecimento.

O nome *Linguagem Viva* só foi possível com a ajuda da agência Integrada Comunicação e Marketing Ltda.

O primeiro assinante foi Isaú Cunha Freire.

O número 1 circulou encartado na edição nº 4091, Ano XVI, 12 de setembro de 1989, terça-feira, de *A Tribuna Piracicabana*. A parceria de encarte também caminha rumo aos 50 anos. Evaldo Vicente é a luz no final do túnel que proporciona eterna vida ao *Linguagem Viva*.

A edição inicial publicou na primeira página matéria de Adriano Nogueira sobre o saudoso Almeida Fischer, de Rosani Abou Adal sobre o registro de obras e direito autoral, a notícia sobre a entrega do *Troféu Juca Pato* a Barbosa Lima Sobrinho e anúncio do Paddock - Restaurantes.

A composição foi em linotipo, os títulos com os tipos de Didot e não havia calandra. O clichê da marca foi produzido por uma clicheria localizada na Rua Visconde de Parnaíba, Mooca, em São Paulo.

Os clichês eram caríssimos e não dava para publicar imagens em todas as edições. Assim circulou até a edição n.º 20, fevereiro de 1991, que passou a ser impresso em off-

set e aumentou o número de páginas de 6 para 8. Entretanto a composição continuou feita em linotipo. Somente no sexto ano passou para a composição a laser e hoje está totalmente informatizado.

A edição número um abrigou ilustração de Xavier e colaborações de Vicente de Souza, Wilson Nunes, Paulo Colina, Oswaldo de Camargo, Roque Luzzi, Caio Porfírio Carneiro, Lourdes Di Tullio, Jean Paul Mestas, Francis de Oliveira, João Alves, Orestes Turano, Ana Cristina Cesar e Cícero Acaiaba.

Foram publicados os anúncios de Paddock Restaurantes, *A Tribuna Piracicabana*, Agência Torres, Passagens e Turismo, João B. S. Negreiros de Athayde (advogado), Sennal Ind. e Com. de Pratas, Restaurante Brasserie, Relojoaria Carrilhão, Abelha, Ind. e Com. de Carimbos e da Bombonieri O Chocolate.

Agradecemos aos colaboradores, leitores, assinantes, *A Tribuna Piracicabana*, aos parceiros Xavier, Livraria Brandão, Débora Novaes de Castro e Dr. Genésio Pereira Filho que nos acompanham desde as primeiras edições, aos clientes e amigos que nos apóiam na longa caminhada.

Registramos nossas homenagens a Adriano Nogueira que, se vivo fosse, não teria parado na edição nº 178. Estaria conosco também na nº 313 e, com certeza, nos acompanharia até os 50 anos de circulação, na edição nº 601, setembro de 2039.

Uma nova era surge ao completarmos 26 anos. Esperamos encontrá-los para um brinde nas Bodas de Ouro.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 70,00

semestral: R\$ 35,00

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

LINGUAGEM VIVA Feliz aniversário!!!



Parabéns pelos 26 anos de publicação, dedicação, esmero e comprometimento!

À Rosani Abou Adal, sua idealizadora, produtora e diretora, nossos efusivos cumprimentos, flores e lauréis.
Viva Linguagem Viva!

Débora Novaes de Castro - Poeta, escritora e artista plástica.

Homenagem - aniversário LV

Linguagem viva, contemporânea, escurreita e coloquial.

Ininterruptamente sobrevive, desde quando Nasceu, em vinte e sete de setembro de 1989. Gemeu, ficou triste, órfão de um dos seus criadores... Uma lacuna impreenchível, insubstituível literalmente. Adriano Nogueira é imortalizado na trajetória desse valoroso tablôide. Genuinamente literário, um poço de cultura itinerante. Espaço aberto para vários gêneros das letras. Muito mais do que um jornal, uma verdadeira vitrine para diversos autores.

Vida longuíssima ao *Linguagem Viva!*

Inerente a Rosani Abou Adal.

Vivencia cada segundo dessa bonita história.

Assumindo um notável papel de vanguarda da literatura brasileira.

Minhas sinceras congratulações! Ao LV e a você Rosani.

Pois ambos têm contribuído, de maneira inegável na minha formação em todos os sentidos, desde o meu primeiro contato, ainda quando eu vivia na minha querida Ituruçu, Bahia.

Abraço carinhoso

Cláudio Fernandes - Poeta e contista

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Ele é Encantador



Salsicha - especial - para adoção na ong Adote um Gatinho
www.adoteumgatinho.org.br

Fernando Jorge

E ncontrei um velho amigo na rua. Achava-se com ar sorumbático, ele que sempre foi expansivo. Explicou-me: -Estou aborrecido. Alberto morreu. Creio que do coração. Era gordo em excesso, coitado! Tão discreto, tão educado...

Alberto - devo esclarecer ao leitor - era um velho gato, obeso e preguiçoso, que vivia ronronando em cima de um macio sofá: tinha o orgulho de um lorde, a pachorra de um filósofo socrático. Retribuía as carícias com frieza, embora não fosse malcriado. Havia nele, no seu olhar metálico, nos seus movimentos elásticos, compassados, qualquer coisa de solene e aristocrático. Eu, que sou democrata, nunca pude suportar os seus modos altivos. Meu amigo o adorava.

O gato tem fama de ser um animal egoísta, hipócrita e feroz, mas não são poucos os que o defendem e o preferem ao cão, o qual, segundo diversos psicólogos, é demasiado subserviente, sem a dignidade e a personalidade desse felino...

A gatolatria é um fenômeno milenar.

Narra Seignobos, na sua História da Civilização, que um século antes de Cristo, tendo certo cidadão romano matado um gato em Alexandria, o povo se amotinou, apoderou-se dele e o esquartejou, apesar dos pedidos do Soberano do País, e não obstante o grande medo que inspiravam os filhos da cidade de Augusto.

Os egípcios viam no gato um animal divino. Quando algum bichano morria, o dono, em sinal de luto, raspava a sobrancelha esquerda.

Maomé, diz a lenda, possuía uma gatinha chamada Muezza que, certa ocasião, adormeceu sobre a manga do seu hábito. O profeta, para não acordá-la, preferiu cortar a roupa. Muezza, grata e satisfeita, cada vez que ele voltava para casa, ia recebê-lo. Maomé, comovido pelo reconhecimento do animal, concedeu aos gatos um lugar no paraíso islâmico e ainda o privilégio de cáirem de pé.

Richelieu, o maquiavélico ministro de Luis XIII, tinha quatorze gatos, assim chamados: Mounard-le-Fougueux, Soumise, Serpolet, Gazette, Ludovic-le-Cruel, Mimie Paillon, Feliman, Lúçifer, Lodoiska, Rubis-sur-l'Ongle, Pyrame, Thisbé, Racan e Perruque. Estes dois últimos tinham estes nomes por haverem nascido em cima duma velha cabeleira do acadêmico Racan. Pela forma com que Richelieu acariciava os seus bichanos, podia fazer-se idéia do estado de sua alma. Se passava suavemente a mão sobre o pêlo do felino, era sinal de bom humor. Se as carícias fossem rápidas, nervosas, isto queria dizer o contrário. O rei, conhecendo o temperamento do seu ministro, indagava quando pretendia conversar com ele:

-De que jeito Richelieu afagou seus gatos?

Os gatos me intrigam, causam curiosidade. Suas maneiras indolentes, seus passos sorrateiros, suas artimanhas me fascinam. Bicho estranho! Quanto mistério, quanta profundidade nas suas pupilas verdes! É o animal sutil por excelência, repleto de cautela, de agudeza. Dir-se-ia que tem alma de odalisca e de espião...

Fernando Jorge é escritor, jornalista, historiador, biógrafo, crítico literário, dicionarista e enciclopedista.

Voto de Júbilo

Rosani Abou Adal recebeu ofício do presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Excelentíssimo Senhor Antonio Donato, encaminhando cópia do requerimento RDS nº 01179/2015, de iniciativa da Excelentíssima Senhora Vice-Presidente Edir Sales, com voto de júbilo e congratulações ao Linguagem Viva, pela comemoração do 116º aniversário do bairro do Belém.

O requerimento foi assinado pelos vereadores Abou Anni, Adolfo Quintas, Alfredinho, Aníbal de Freitas, Atilio Francisco, Aurélio Miguel, Calvo, Claudinho de Souza, Conte Lopes, David Soares, Edemilson Chaves, Edir Sales (autor), George hato, Gilson Barreto, Jair Tatto, Laércio Benko, Natalini, Nelo Rodolfo, Noemi Nonato, Ota, Patrícia Bezerra, Reis, Salomão Pereira, Senival Moura, Toninho Paiva, Ushitaro Kamia, Valdecir Cabrabom, Vavá e Vadih Mutran.

Requerimento "D" nº RDS 1179/2015

Requeiro à Douta Mesa, na forma regimental (artigo 223, inciso XV do Regimento Interno) pela consignação na ata dos trabalhos da Câmara Municipal VOTO DE JUBILO E CONGRATULAÇÕES AO JORNAL LINGUAGEM VIVA, pela comemoração do 116º Aniversário do Bairro Belém.

Belém é um distrito localizado no Centro/Leste da Cidade de São Paulo, a Leste/Nordeste do chamado Centro Histórico da Capital, com aproximadamente 45057 habitantes. Trata-se de uma localidade muito marcante para a história da cidade, onde se deu o início da industrialização paulista. Um marco histórico é a Vila Maria Zélia, primeira vila operária do país. Ao longo dos seus 116 anos, a população demonstra a sua força com trabalho e luta.

Requeiro também que seja dada ciência à jubilada na pessoa de sua Editora, a Senhora Rosani Abou Adal, na Rua Herval, nº 902- Belém - CEP 03062-000, cidade de São Paulo - SP.

Sala das Sessões,

Edir Sales
Vereadora
Vice-Presidente
13 de agosto de 2015

Roberto Scarano



Advogado

OAB - SP 47239

Execuções

Família

Cível

Trabalhista

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

O Pesadelo do Romance “Tribunal” de Álvaro Alves de Faria

“E o que é o homem na natureza?
Um nada em relação ao infinito, um tudo em
relação ao nada, um ponto a meio entre o
nada e o tudo...” – Blaise Pascal

“Ele tinha uma bala na cabeça//
com ela certamente convivia//Nada que
além de si em si começa//Tudo que
transforma em rímel de Poesia//Ele nun-
ca esquecerá aquele dia//E tem na ca-
beça o projétil bala//Talvez ela tenha a
sua serventia//Mesmo quando numa po-
ética fala//E ainda hoje Álvaro carrega//
A bala em si e nessa fatal agulha//Que
é a cabeça – e nunca mais nega//O fa-
zer poético do qual se orgulha//E assim
a bala vai a ele levando//Em alvo, em
culatra, em banzo e mira//Pois sabe des-
se butim surreal quando//Faz do Poetar
um incrível arco de Lira//(...)” *Poesia Da
Bala na Cabeça*, Para Álvaro Alves de
Faria, in, *Porta Lapsos*, Poemas, pg,
81, Editora All-Print, SP, Ano 2005, Silas
Corrêa Leite.

Conheci o literato de renome nas
quebradas da resistência, Álvaro Alves
de Faria, desde as apreensões no
meio algo zenboêmico do subway
sobrevivencial (entre as sombras perversas
e as escuridões tenebrosas) de uma
então desvairada pauliceia nos escor-
mos funestos do monturo da chamada
canalha de 64 (o medo do comunismo
criando monstros); a corrupção
institucionalizada nos terríveis podres
poderes já bancando a tal “revolução”
de primeiro de abril de 64, e, muitos
anos depois, quando, aqui e ali lancei
alguns dos meus livros de eterno escri-
tor “emergente”, mesmo tachado de
“neomaldito da web” pelo Site Capitu
e em seguida pelo próprio Antonio
Abujamra (Provocações/TV Cultura de
SP), quando ele, o escritor e jornalista
Álvaro Alves de Faria teve a generosida-
de de me entrevistar por mais de uma
vez na Rádio Jovem Pan de SP, a res-
peito de meus poemas e desvairados
inutensílios afins.

Também tive o prazer de revê-lo
quando do lançamento de obras pela
Letra Selvagem Editora na Casa das
Rosas na Avenida Paulista em SP. Lá
estava Álvaro Alves de Faria sempre
sereno e cândido me contando de no-
vos livros, de outros sonhos, de traba-
lhos lançados em Portugal, onde é tam-
bém muito valorado. Nessas idas e vin-
das, sabendo-o de trabalhos anteriores,
fiquei vivenciando a expectativa de co-
nhecer sobre o seu comentado roman-
ce O TRIBUNAL, que estava fora de
catálogo desde as primeiras edições
nos Anos 70 (época notória de trevas
no Brasil de uma ditadura militar in-
competente, corrupta, violenta e senil), por-

que sempre liguei o nome a obra, e
ambos à postura ético-cidadã do artista
criador enquanto ser humano e cidadão.
Ele era daquele tempo (dizia a lenda dos
noiteadeiros e notívagos de esquerda)
em que fazia poemas contestatários,
reproduzia em estêncil ou xerox, e de-
pois lá em cima de arranha-céus da
capital paulista entrevada soltava as
granadas de versos de resistência, na sua
trincheira de esperança por uma demo-
cracia ainda que tardia, e teria sido pre-
so por isso, daí talvez, a bala na cabe-
ça, a lenda, o mito, e por isso que muito
antes de sabê-lo pessoalmente pro-
dutivo e de alto nível criacional, soube
a respeito dele nas quebradas de
Sampa, e escrevi o poema que o home-
nageia até mesmo por isso também.
Afinal, temos orgulho de plantadores de
sonhos no historial do Brasil.

Assim, honrado pela oportunidade,
tomei-me de presto a ler nesse clima o
romance O TRIBUNAL, LetraSelvagem
Editora, 2015, 88 páginas; desse tama-
nho e enorme documento. E fui fundo,
quero dizer, fui rasante, e quando me vi,
estava dedilhando as profundezas da
obra. Desvelador de Sombras, diz João
Antonio (última capa do livro). “... texto
diferente, estranhíssimo (...) Perplexida-
de e fuga (...) sem desfalecimento” diz
Lygia Fagundes Telles também no mes-
mo espaço. Entrei de cara lavada na
obra (alma?) do escritor, que foi, sem
trocadilho com o nome do mesmo,
“alvando” minha mente, memórias, labi-
rintos, bastidores... Ora direis, “almai”-
vos uns aos outros, como eu também
vos “almei”. Ora direis, ouvir estalos,
rupturas, frisas, flancos... Desvelador de
sombras, pesadelos, escuridões huma-
nas, feito um tribunal de loucos julgan-
do são – feridos venceremos? – gra-
des na alma saltando impróprios, aze-
dumes, dezelos, ah a própria cela de
existir... E quando a epiderme é a cela?
Depois ter de sobreviver... depois
regurgitar, e eis a obra, o homem, os
sobrevivente de antes, de um tempo
chamado terror...

As paredes dos relatos? Feitas
com tantos olhos. A tormenta abatendo
sobre nós, e, pior, muito pior, termos que
manter os olhos bem abertos, e contar,
a alma trincada e contar, as mãos va-
zando delírios, resmas, flancos,
guirlandas de lágrimas, feito um monó-
logo de vários tempos, de várias abertu-
ras, de tantas feitas e feitos, feito
novela-romance, contação de sangria
desatada. Tribunal? Há um clima pe-
sado. Há um pesadelo no ar, no livro,
na escrita, e os gatos podres que estão
nele querem comer os seus olhos, para
que você não veja; e os seus olhos ve-
rão o quê? Os ares se rompendo da
estrutura do seu corpo (cabeça, tronco,
membros) todo? E as suas mãos, que

não param de escrever, como uma rap-
sódia em fuga, um distrato como fobia,
com um medo-rabo, como qualquer co-
isa que paire sobre uma realidade sub-
stituta que ainda assim queima e dói e
reina, e você a traz e tem... como uma
narrativa-documento, purgação,
chorume, sob as coxias de bastidores
que ainda sangram...

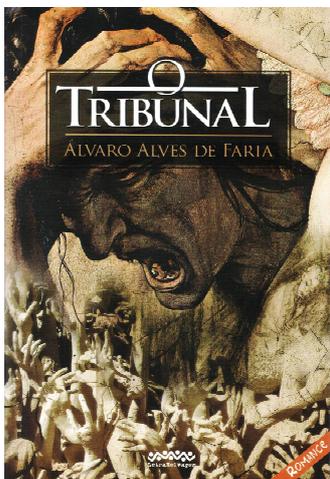
Qual é a pena máxima mesmo?
Sobreviver apesar de? Apesar de tudo?
Algemas e lances de escadas para
cima e para baixo. O interrogatório ain-
da está no ar das páginas, meio Kafka,
meio Borges, meio Nietzsche, ou até
mesmo uma nova versão latino-tropical
de um quase monólogo insurgente de
uma nova visão do filme O Homem de
Kiev? Tocando os pés e as mãos, mas-
tigando consciências, remorsos-viveres
(como fibras num tear de irrigação
memorial), e a contação, a narrativa que
entra e sai do delírio para uma dura re-
alidade substituta... “De morrer pela pá-
tria/E viver sem razão”(...) diria o hino
da época, de Geraldo Vandré, em “Para
Não Dizer Que Não Falei de Flores...”.
O sol a nascer... (vendo (?) o sol nas-
cer quadrado... ah, depois o sol-livro, é
só uma questão de tempo... O fósforo
acendendo cenas, querendo ver o cisco
pegar fogo, e dar-se na revelação do cir-
co armado de um tempo, um lugar, tam-
bém meio Brecht, meio Neruda, meio
Lorca, mas, ainda assim a assaz sina
de um tempo que hoje, só hoje, detona
uma anistia que perdoou mas não de-
volveu, mas, agora, dessa forma literá-
ria pelo menos pode dizer o nome, a
metáfora, que pode ser ausência, morte,
impunidade, ou ainda como em Kafka
também, um Processo, um Tribunal,
entre urubus e máscaras. Há os que não
sobreviveram. E deixaram cartas-testa-
mentos: “Quando secar o rio da minha
infância/Secará toda dor. Quando os
regatos límpidos de meu ser secarem/
Minh’alma perderá sua força. Buscarei,
então, pastagens distantes - lá onde o
ódio não tem teto para repousar. Ali er-
guerei uma tenda junto aos bosques.
Todas as tardes me deitarei na relva e
nos dias silenciosos/Farei minha oração.
Meu eterno canto de amor: expressão
pura da minha mais profunda angústia.
Nos dias primaveris, colherei flores para
meu jardim da saudade. Assim,
externarei a lembrança de um passado
sombrio”. (Frei Tito de Alencar.)

A LetraSelvagem reedita bem opor-
tunamente esse livro clássico, históri-
co, e é como se tentasse também com
essa escavação de retrazer retalhos de
sentir de um tempo macabro, e assim
também trouxesse um importante do-
cumento literário à luz da democracia,
da liberdade, quando o Brasil afinal está
sendo (e precisa) ser passado a limpo,
e talvez todos nós de uma forma ou de

outra estejamos compondo uma banca-
da, um tribunal de júri, um julgamento,
e precisamos de testemunhos-livros, de
provas históricas; que precisamos sim,
conhecer, entre os camburões, como
novos navios negreiros (EMICIDA), e
assim passar aqueles tenebrosos tem-
pos a limpo, a própria mancha que foi
essa ditadura, entre outras, como o da
mídia agora, quando precisamos do so-
nho de uma justiça igual para todos, em
que não sejam meros marionetes
dopados a assistir julgamentos-circos,
antecipadas sentenças públicas, sumá-
rias sentenças parciais, tribunais do cri-
me, e que registrem, como o livro de
Álvaro Alves de Faria a pontilhar hipoc-
rias sentenças parciais, pinceladas de hor-
ror e dor, de vazios e preenchimentos
inspirados, entre meandros hostis, ten-
do de um lado parte de uma sociedade
pústula, facção de uma história como
remorso, talvez até de uma literatura
datada que à época pode não ter sido
devidamente valorada porque colocava
dedos sangrando e mãos armadas de
palavras em feridas vivas de impunida-
des por atacado, tantas mentiras
customizadas dessa mesma hedionda
ditadura que só posou de inocente no
crime organizado do poder, não puniu
ninguém. E uma resolução da ONU diz
que o povo deve se voltar armado contra
ditadores, não que esses mesmos abu-
tres ditadores se autoanistiem... O Tri-
bunal, o romance, é uma ferida aberta
que grita, regurgita, mais do que um
vágido, um testemunho feito, aqui e ali,
um monólogo capitular, um soco no es-
tômago, um baita jab literário de quase
noventa pgs, peso grave, um grito pas-
mo, uma vereda de dizer que, sim, so-
brevivemos. E a arte vem dar seu teste-
munho nessa obra, desse nível, o que
nos leva a Bertold Brecht, num de seus
melhores (terríveis) poemas dando tes-
temunho daquilo que era a escória hu-
mana de sua época: “Aos que vierem
depois de nós” //Realmente, vivemos
muito sombrios!// A inocência é loucu-
ra. Uma fronte sem rugas// denota in-
sensibilidade. Aquele que ri// ainda não
recebeu a terrível notícia//que está para
chegar. (...)// Que tempos são estes,
em que// é quase um delito// falar de
coisas inocentes.// Pois implica silen-
ciar tantos horrores! (...)// Também gos-
taria de ser um sábio.// Os livros anti-
gos nos falam da sabedoria (...)//Vivemos
tempos sombrios (...)//No meu tempo as
ruas conduziam aos atoleiros.// A pala-
vra traiu-me ante o verdugo (...)// Vós,
que surgireis da maré// em que perece-
mos.// lembrai-vos também.// quando
falardes das nossas fraquezas.//
lembrai-vos dos tempos sombrios// de
que pudestes escapar (...)//Quando ha-
via só injustiça e nenhuma indigna-
ção (...)//Vós, porém, quando chegar o

momento// em que o homem seja bom para o homem, lembrai-vos de nós// com indulgência. (Bertolt Brecht)

O romance(?) O Tribunal, de Álvaro de Faria, foi escrito no curtume da pelanca da Ditadura. Hoje, para nós que vivemos e sobrevivemos depois daquilo, ao ler o livro nos sentimos como parte do Processo como um todo, da luta como sal nas aragens, da sobrevivência possível entre o desalinho da ordem unida, entre o sangue dos que ficaram (e se perderam pelo caminho), mas a ata do TRIBUNAL está escrita de seu modo latente, selada, registrada, em amor, esperança, loucura, dor, e, mais, muito mais, o testemunho de que podemos ser melhor do que a dor que nos deram... E contaremos aos nossos filhos, e aos filhos de nossos filhos, e diremos da pátria-mãe que foi madrastra em atos repugnantes, de São Paulo que foi estado-máfia e que bancou a trincheira dessa ilegalidade amoral pelo qual pagamos preço social até hoje, por causa da rica América Cloaca ora em decadência; e da nossa impunidade "abençoada pelo Deus e engodo por natureza"; dos que falaram em família e destruíram a família Brasil... Mas ainda restam atos, artes, gestos, livros, homens-livros, como Álvaro Alves de Faria, que conta ao seu jeito peculiar (prosa poética entre lampejos de aturdições e enlevos); em sua narrativa de sobrevivência e luz, o tribunal do tempo – o tempo, o melhor juiz (Salomão) - porque livros são almas se lavando, superações de ramos e eitos se reconstruindo, pedaços de nós, de nódoas, de panos de restos como papiros cheios de sangue, suor e lágrimas, a contarem que muito pouco pode ter mudado, mas existem os artistas, os livros vencendo os canhões, os balcões ("Brasil/Qual é o teu negócio?/Os nomes dos teus sócios" (Cazuza, Brasil). E balas em brilhantes cabeças pensantes ainda dando o que falar... o que escrever... o que arguir... o que condenar... o que delatar. "O TRIBUNAL é a opção de Álvaro em relação à própria literatura" (Durval Monteiro).



soltarem os cintos//Façam a festa por mim//Quando lavarem a mágoa//Quando lavarem a alma//Quando lavarem a água//Lavem os olhos por mim//Quando brotarem as flores//Quando crescerem as matas//Quando colherem os frutos//Digam o gosto pra mim" (Aos Nossos Filhos/Ivan Lins).

Leiam os percalços do pesadelo que é o romance O TRIBUNAL, alma lav(r)ada; leiam o estertor além do lumiar do sonho, as narrativas esturricadas de lampejos cortantes, entre estados diferenciados de tempos verbais entrincheirando memórias revisitadas, com navalhas textuais seladas no mesmo parágrafo que se estende como um quarador de vísceras; ou como granitos de gelo ácido, alguns meteoritos poéticos, cargas de desmanches e desencalhes; desencargo de consciência, relato-testemunho, feito assim até mesmo uma espécie de livro-autópsia, O TRIBUNAL. E que dessa maneira condoída em alto nível literário procurem saber sobre a dor do afeto que se encerra em nosso peito brasilíndio, tupi-davidico, afroluso; dos filhos deste solo...

Silas Corrêa Leite é romancista, poeta, contista e autor do Reino do Barqueiro Noturno do Rio Itararé.
poesilas@terra.com.br

"Perdoem a cara amarrada(...)// Perdoem por tantos perigos(...)//Perdoem a falta de folhas(...)//Os dias eram assim//E quando passarem a limpo//E quando cortarem os laços//E quando

Georges Ohnet

O eterno Visconde de Sabugosa...

João Barcellos



Visconde de Sabugosa



Georges Ohnet

Quando a maria-fumaça era sucesso e a televisão era uma ousadia, porque feita ao vivo em programas jornalísticos e artísticos, e já estava ele – Georges Ohnet, um dos pioneiros da comunicação social radiofônica e televisiva no Brasil.

Trabalhou em peças cinematográficas e teatrais, mas foi o personagem Visconde de Sabugosa, do seriado Sítio do Pica-Pau Amarelo, que o tornou conhecido Brasil afora...

Muitos anos depois, encontrei-o ao se estabelecer em Cotia, na Grande São Paulo, e foi um bate-papo sociocultural e filosófico, de tal sorte que participamos de inúmeros eventos radiofônicos, teatrais, poéticos e lítero-historiográficos por mais de duas décadas.

Entre alguns eventos no Espaço Mizar Cristal, em Cotia, lançamos o seu livro "Amor", que tive a honra de editar e de apresentar publicamente.

Na madrugada do dia 9 de Setembro de 2015, o paulista Georges Ohnet deixou as agruras físicas e repousa já na eternidade cósmica que o cercava desde que se conhecia como gente.

Amigo de todo o mundo, e mais dos amigos, Georges Ohnet deixou um legado artístico e humanista que podemos (e devemos) ter como referência. Georges Ohnet era mais do que a pessoa no seu dia a dia, e agora, na morte, diz-nos da eternidade que é o abraço fraterno. Até sempre, ó Visconde de Sabugosa...!

João Barcellos Escritor & Conferencista

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

O CENTENÁRIO D' "O CANTOR DAS MULTIDÕES"

Rui Ribeiro

A cada dia nascem no vos cantores, bandas e duplas sertanejas, cujas gravações atingem números astronômicos de vendagem. Hoje são comuns as reuniões de milhares de espectadores em apresentações musicais ao vivo. A imprensa registra com frequência notícias e imagens de espetáculos onde um público, às vezes superior à população de muitas cidades, se comprime e vibra diante de intérpretes que se movimentam ao som de barulhentos instrumentos eletrônicos.

Os ardorosos fãs que participam do sucesso de seus eleitos por certo não saberão dizer quem teria sido o primeiro ídolo de massa da Música Popular Brasileira, surgido em meados dos anos 30 do século passado e que provocava, mantidas as devidas proporções, fenômeno semelhante. Numa época em que a mídia se resumia a jornais, revistas e transmissões radiofônicas, um jovem cantor causou verdadeiro frenesi em sua primeira aparição ao povo paulista, em princípios de 1938 na PRA-5, Rádio São Paulo, localizada na rua 7 de abril. Um número imenso de pessoas se comprimiu nos corredores e imediações da emissora, congestionando o trânsito nas ruas próximas. Formou-se ali uma plateia espontânea que queria ver, ouvir e aplaudir Orlando Silva, que conhecia apenas pelas apresentações frente aos microfones da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A partir dessa apoteótica recepção, o artista recebeu o cognome de "O cantor das multidões", que o acompanharia durante longa carreira só encerrada pela morte, ocorrida a 7 de agosto de 1978. No auge da fama entre os anos de 1937 a 1945, sua presença era reclamada nos pontos mais distantes do território nacional, provocando sempre a mesma agitação, que por vezes fazia o comércio fechar e obrigava a adoção de medidas de

segurança. Não obstante os esquemas de proteção policial, para livrá-lo de assédios, fãs mais ousadas conseguiam lhe rasgar a roupa e arrancar botões de seu paletó para guardar como troféus. Diariamente chegavam à emissora carioca em que atuava centenas de cartas endereçadas ao jovem cartaz, contendo elogios, declarações de amor e numerosos pedidos de fotos autografadas.

Muito se investigou sobre as causas determinantes da comoção trazida pelo suburbano que nasceu pobre a 3 de outubro de 1915, em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Porém não há dúvidas de que a interpretação inovadora e o carisma estão na base da imensa popularidade alcançada em todas as faixas etárias e classes sociais. Porque somente em relação a ele aconteciam essas explosões de carinho, embora o período fosse rico em expoentes musicais, como Francisco Alves, Silvio Caldas, Carlos Galhardo e outros nomes notáveis.

As características renovadoras de Orlando Silva e a arte inconfundível de tocar as almas sensíveis já se prenunciaram naquele que ele considerou seu disco de estreia. A canção "A última estrofe" e a valsa "Lágrimas", ambas de Cândido das Neves, revelam um principiante de apenas 19 anos, seguro e dotado de estilo personalíssimo, emotividade espontânea, voz límpida e livre de impostações artificiais, traduzindo de maneira nova e peculiar o sentimento do amor-ferido, do amor-saudade e do amor-lamento, sempre presentes na obra de literatos e de autores populares. As inovações estilísticas se ampliam nas gravações seguintes, como cadência inusitada nos sambas e marchas e o característico arruibo romântico tantas vezes imitados por outros cantores. Compatibilizada com o repertório sentimental, a imagem sonhadora transmitida pelos olhos tristes do jovem cantor associaria o artista ao homem, sintetizando as aspirações e frustrações afetivas dos apaixonados, principalmente as mulheres que viam nele o reflexo de todos os seus sonhos e desilusões.



Orlando Silva

O ano de 1947 marca o início de transformações no comportamento do intérprete, que continuaria a gravar, rareando porém as apresentações. Já seriam notadas queda de popularidade do ídolo e diferenças em seus recursos vocais, culminado com sigilosa retirada de cena por cerca de dois anos. O afastamento resultaria numa onda de comentários, atribuindo-se o motivo ao rompimento do romance mantido com a atriz Zezé Fonseca. Na realidade a causa teria objetivo terapêutico para livrá-lo da dependência das drogas e da bebida.

Ao retornar, em 1951, trazia a voz grave e cansada e encontraria grandes mudanças no meio artístico. O rádio na época já atravessava fase preparatória para o advento da televisão, regendo-se por mecanismos subordinados a modismos e aspectos visuais. Surgiam numerosos intérpretes, muitos dos quais sucumbiam ante a cessação dos esquemas publicita-

rios que determinaram sua ascensão. Sem aderir às tendências dominantes, Orlando Silva continuaria prestigiado pelos antigos fãs, porém suas aparições já não causavam a agitação dos tempos passados. Gravaría bom número de novas composições, mas cometeria o grave erro de regravar as músicas que consagrara anteriormente. Aos ouvidos dos que conheciam a versão primitiva soava, marcante, a supremacia do primeiro registro. Foi então que um grupo de admiradores teve a iniciativa de resgatar, às próprias expensas, o importante acervo da fase mais brilhante do cantor. Assim, foram transpostos para o vinil a quase totalidade dos antigos discos de 78 rpm que gravou na RCA Victor entre 1935 e 1942. A série particular e limitada dos LP's se esgotaria rapidamente, disputada por colecionadores. Na mesma esteira, o selo Revivendo, especializado em relançamentos de matrizes antigas, reeditaria outros clássicos do intérprete. Seleção mais ampla e abrangente compõe a caixa com 3 Cd's contendo 66 gravações. As coletâneas mostram "o cantor das multidões" com a voz que Caetano Veloso chamou de primaveril e na plenitude de seu estilo criativo, comprovando as razões pelas quais historiadores o incluem entre os principais e mais queridos personagens da Música Popular Brasileira.

Rui Ribeiro é crítico literário, escritor e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.

xavierlima@terra.com.br
xavierdelima1@gmail.com
(14) 3731-9471
(14) 99161-0675 (Claro)
(11) 97958-6182 (Tim)
www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Réquiem para Aylan Kurdi

Raymundo Farias de Oliveira

Façam silêncio, por favor. Estou vendo, com espanto, o corpo do menino Aylan Kurdi estendido na praia turca, a espuma das ondas azuis beijando seu rostinho lindo sob o olhar de dois soldados. Ele morreu afogado tentando fugir com sua família da perseguição na Síria, sua terra natal. Morreu no mar e o mar o devolveu à terra como símbolo da tragédia dos migrantes e refugiados que não encontram solidariedade no mundo da bomba atômica e da internet.

Será que toda criança que nasce é mesmo a prova de que Deus não perdeu a esperança na humanidade?

Será? Só um bandoneón é capaz de expressar com sua melancolia profunda a tristeza que sinto e a dor que me dilacera vendo a camisetinha vermelha a bermuda azul e o sapatinho escuro no corpinho do menino santo estirado na praia. Silêncio, por favor! O menino dorme...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta e Procurador do Estado aposentado.

SETEMBRO...

Débora Novaes de Castro

Quando Setembro vier,
em sua nave colorida
e perfumada,

serei mais espanto, que luz,
mais esperança, que o verde,
mais doce, que o mel,
mais feliz, que o rosal,

verei, deslumbrada,
os vitrais da catedral

e, de asas quebradas,
verei a Primavera partir
para compor noutros ares
nova orquestração
de amores!

Débora Novaes de Castro é membro da Academia Cristã de Letras, da Academia Paulista Evangélica de Letras e Mestre em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes - Dissertação: O HAICAI NO BRASIL: Comunicação & Cultura, pela Puc-SP.

PROPÓSITO

Eunice Arruda

Viver pouco mas
viver muito
Ser todo o pensamento
Toda a esperança
Toda a alegria
ou angústia – mas ser

Nunca morrer
enquanto viver

Eunice Arruda é escritora, poeta e Pós-Graduada em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP.

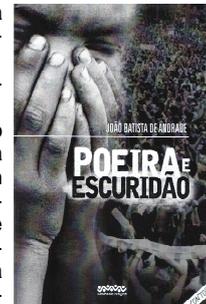
Livros

Poeira e Escuridão, contos de João Batista de Andrade, LetraSelvagem, Taubaté, SP, 160 páginas. ISBN 9788561123185.

O autor é cineasta, escritor, jornalista e presidente do Memorial da América Latina.

Segundo Ignácio de Loyola Brandão, “João Batista de Andrade, o cineasta, esqueceu a câmera em casa (...) e se transformou em narrador implacável, detalhista, que constrói atmosfera perfeita ao documentar a subvida que se leva nos arredores, afora dos limites. (...) Trabalha como se escrevesse um roteiro. Daí a riqueza das imagens, porque o texto é imagem pura, clara, límpida.”

LetraSelvagem: www.letraselvagem.com.br

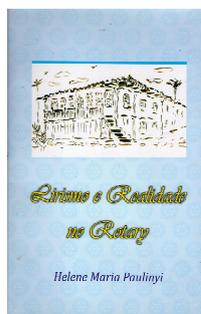


Lirismo e Realidade no Rotary, de Helene Maria Paulinyi, Emil Editora, Belo Horizonte (MG), 138 páginas.

A capa é uma foto da aquarela de Livia Paulini. A autora é escritora e Vice-Presidente da Academia Feminina Mineira de Letras e Vice-Cônsul da República da Hungria.

A obra reúne fotos, mensagens e discursos que Helene proferiu quando exerceu o cargo de Presidente do Rotary Club de Belo Horizonte, de 2013 a 2014.

Helene Maria Paulinyi:
hmpaulinyi@yahoo.com



O Coração dos Outros, poemas de Celso de Alencar, Pantemporâneo, São Paulo, 64 páginas. ISBN: 9788562402173.

A capa é uma fotografia de Vicente Vê. O prefácio é de Claudio Willer e a orelha de Floriano Martins. O autor é escritor, poeta, autor de *Primeiro Inferno e Outros Poemas*, entre outras obras.

Segundo Floriano Martins, “ESTE é um livro de parábolas. (...) Este livro é um saltério feliz que regala presentes aos vivos, porém na forma de enigmas, de retalhos da existência que são as peças avulsas cujo significado só se deixa revelar aos que percebem seus enlances, entroncamentos e gravitações.”

Celso de Alencar: cdealencar@hotmail.com



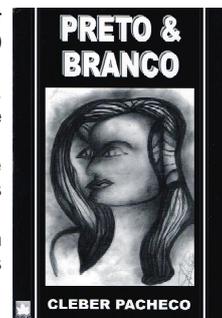
Preto e Branco, romance de Cleber Pacheco, Editora Plátano, Porto Alegre, RS, 80 páginas. ISBN: 8587171135.

A ilustração da capa é de Cleber Pacheco. O autor é escritor, poeta, artista plástico e Mestre em Letras (Literatura Brasileira).

A obra apresenta situações inusitadas, onde a trama envolve suposições pretendidas pelos parceiros sem que sejam confirmadas.

Os personagens envolvidos se defrontam com seus próprios fantasmas e praticam atos que culminam o crime.

Editora Plátano: ediplat@terra.com.br



LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br



Joel Rufino

Joel Rufino dos Santos, escritor, professor, historiador e Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, faleceu no dia 4 de setembro, no Rio de Janeiro. Publicou romances, livros infantis, didáticos e paradigmáticos. Foi laureado com o *Prêmio Jabuti*. Autor de *O dia em que o povo ganhou*, do romance *Claros sussurros de celestes ventos*, entre outras relevantes obras.

Maurício Sousa, cartunista, escritor, empresário, criador da *Turma da Mônica* e membro da Academia Paulista de Letras, que completará 80 anos no dia 27 de outubro, foi o grande homenageado da 17ª edição da Bienal do Livro Rio e recebeu o *Prêmio José Olympio* do Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

A **EdUFSCar** lançou *Desenvolvimento de habilidades linguísticas em inglês: foco no convívio social*, organizado por Eliane Hercules Augusto-Navarro e Sandra Regina Buttros Gattolin, e *Noções de inglês para propósitos acadêmicos: sensibilização*, organizado por Eliane Hercules Augusto-Navarro.

A III FLINK SAMPA - Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra - será realizada de 13 e 14 de novembro, no Memorial da América Latina, em São Paulo. <http://www.flinksampa.com.br>

O Salão Nacional de Poesia Psiu Poético, organizado por Aroldo Pereira, será realizado de 4 a 12 de outubro, em Montes Claros (MG). www.psiupoetico.com.br

Daniel Lameira foi o primeiro colocado do *Prêmio Jovens Talentos da Indústria do Livro*, promovido pelo PublishNews, com o apoio da Feira do Livro de Frankfurt e patrocínio do Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Foi laureado com uma ajuda de custo no valor de 500 euros e uma viagem para a Feira do Livro de Frankfurt, que será realizada de 14 a 18 de outubro.

Notícias

Audálio Dantas e Marisa Lajolo, curadora do *Prêmio Jabuti*, participam de bate-papo no encontro da série *Jabuti entre Autores e Leitores*, idealizado pela Câmara Brasileira do Livro, no dia 5 de outubro, no Teatro Eva Herz, Livraria Cultura, Av. Paulista, 2073, em São Paulo. Audálio foi agraciado com o *Jabuti*, Livro do Ano Não ficção, em 2013, com *As Duas Guerras de Vlado Herzog: Da Perseguição Nazista na Europa à Morte Sob Tortura no Brasil*.

Vidas secas, de Graciliano Ramos, foi lançado no formato *graphic novel*, com roteiro de Arnaldo Branco e ilustrações de Eloar Guazzelli, pela Galera Record.

Esdra Nascimento, romancista, contista, ensaísta, novelista, tradutor, professor, crítico literário, Mestre em Comunicação e Doutor em Letras pela UFRJ, faleceu no dia 11 de setembro, no Rio de Janeiro, de infecção pulmonar. Nasceu em 8 de fevereiro de 1934, em Teresina (PI). Autor do romance *Lição da Noite*, entre outras obras.

O 13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural será realizado com patrocínio do Itaú Cultural, de 28 de setembro a 1 de outubro, na Universidade de Passo Fundo. www.upf.br/jornadaseminarioleitura

Autobiografia Poética e Outros Textos, lançada pela Editora Autêntica, revela a trajetória de Ferreira Gullar, autobiografia, fotos, duas entrevistas com o poeta, ensaios sobre importantes nomes da literatura internacional – César Vallejo, Fernando Pessoa e Rimbaud –, que expressam a visão de Gullar sobre a criação artística.

A 10ª Balada Literária, organizada por Marcelino Freire, homenageará a cineasta Suzana Amaral. O evento será realizado de 18 a 22 de novembro, em São Paulo.

Livros Proibidos em Veneza foram designados como "literatura subversiva", pelo prefeito de Veneza Luigi Brugnaro, que proibiu nas escolas públicas locais livros que abordem personagens do mesmo sexo como a história de um pinguim que tem dois pais; bem como a de um cãozinho que quer ser uma bailarina.

A 24ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo será realizada de 26 de agosto a 4 de setembro de 2016, no Pavilhão de Exposições do Parque Anhembi. O evento é promovido pela Câmara Brasileira do Livro.

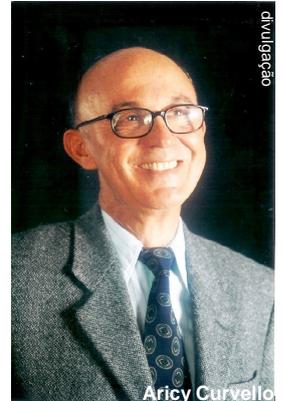
A Academia Brasileira de Letras lançou *Catálogo de obras publicadas*, organizado por Alfredo Bosi, em coedição com a Editora Contra Capa.

Dicionário de Políticas Públicas, organizado pelos professores Marco Aurélio Nogueira, da Unesp e Geraldo Di Giovanni, da Unicamp, foi lançado por Minuto Unesp 619 - Editora Unesp.

O Simpósio Internacional 70 Anos do Fim da Segunda Guerra Mundial, promovido pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, será realizado de 10 a 12 de novembro, em São Paulo. José Farhat, vice-presidente do ICARabe, profereirá a conferência *A Segunda Guerra Mundial que eu vi e vivi*, dia 10 de novembro, terça-feira, às 19h30 segundaguerramundial.fflch.usp.br

Beatriz Helena Ramos Amaral leu o poema inédito *Ária*, dedicado a sua mãe, na missa em memória de Elza Aparecida Ramos Amaral, no dia 1 de setembro, na Capela da PUC, em São Paulo. Também foi apresentada a obra musical *Olho a Estrela*, poema de Elza que foi musicado pela compositora paulista Adelaide Pereira da Silva Kollar.

Felipe Milanez lançou *Memórias Sertanistas: cem anos de indigenismo no Brasil*, pela Edições Sesc.



Aricy Curvello

Aricy Curvello foi convidado para o 2º Salão do Livro de Nova York que será realizado nos dias 1 e 2 de outubro, na Universidade do Estado de Nova York - New York University. Os livros de sua autoria que ficarão expostos na feira. Os exemplares que não forem vendidos serão doados para a Biblioteca Pública de Nova York. *Antologia UBE* (S.Paulo: Global Editora, 2015), *A Arte Poética de Aricy Curvello*, de Cleber Pacheco (Porto Alegre: Ed. Plátano, 2013), *Diário da Escrita*, de Nelson Hoffmann, são algumas das obras que ficaram expostas no evento.

José de Souza Martins tomou posse na Academia Paulista de Letras, no dia 3 de setembro, para ocupar a Cadeira nº 22. A cerimônia foi presidida por Gabriel Chalita. Paulo Bomfim fez o discurso de recepção ao novo Acadêmico.

A Academia Paraibana de Letras Jurídicas promoverá o lançamento do livro *Vandré – o homem que disse não*, de Jorge Fernando dos Santos, no dia 7 de outubro, às 17 horas, no Auditório do Centro de Estudos Jurídicos e Sociais, Av. Rio Grande do Sul, 1411, em João Pessoa (PB).

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

